Organizador
Ademir Pascale

TÃO DISTANTE

CONTOS E POEMAS

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-76851-0
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

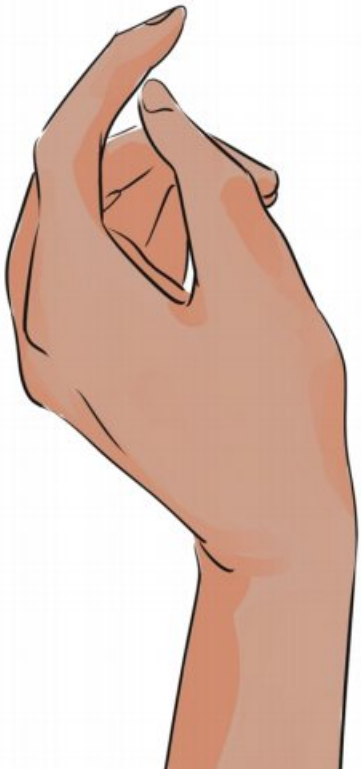
SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

ENCANTO E SEDUÇÃO, POR A. RODRIGO MAGALHÃES, PÁG. 05
FILMES, POR ANDRÉ ANJOS, PÁG. 08
AMOR LATENTE, POR JULIANA FAGUNDES DE CARVALHO, PÁG. 10
MONA'LISA ME, POR LUANA COUTO, PÁG. 12
JACI (LUNA) - DEUSA DA LUA, POR LUANA COUTO, PÁG. 14
DISTÂNCIA, POR LUCILLA SIMONSEN PAES DE ALMEIDA, PÁG. 16
NÓS, POR LUCILLA SIMONSEN PAES DE ALMEIDA, PÁG. 18
VESTÍGIOS, POR LUCILLA SIMONSEN PAES DE ALMEIDA, PÁG. 20
PARTIDA, POR LUCILLA SIMONSEN PAES DE ALMEIDA, PÁG. 22
MARATONA, EM GREGO: Μαραθώνας (OU ZENÃO, AQUILES E A TARTARUGA), POR LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA, PÁG. 24
CLARICE E MANUEL, POR MARITH68, PÁG. 29
À MESMA MESA, POR NATÁLIA VITÓRIA GARCIA MENDES, PÁG. 31
ASSOBIO, POR NATÁLIA VITÓRIA GARCIA MENDES, PÁG. 33
BRASA, POR NATÁLIA VITÓRIA GARCIA MENDES, PÁG. 36
SAUDADE, POR PÂMELA RAMOS, PÁG. 39
VELHOS CASARÕES, POR RAIMUNDO CÉSAR DE OLIVEIRA MATTOS, PÁG. 41
UM CORAÇÃO SOLITÁRIO NO CORAÇÃO DA CIDADE, POR RAIMUNDO CÉSAR DE OLIVEIRA MATTOS, PÁG. 43
DISTÂNCIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 48
ONDE TU TE ENCONTRAS?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 50
DESTA JANELA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 52
SEPARAÇÃO E REENCONTRO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54
O LUTO (TÃO DISTANTE DOS MEUS OLHOS... TÃO PERTO DO MEU CORAÇÃO), POR VERA RIBEIRO, PÁG. 56
À ELA, POR ZANE SANTOS, PÁG. 60
NÓS, POR ZANE SANTOS, PÁG. 62
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 64

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

TÃO DISTANTE
CONTOS E POEMAS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Encanto e Sedução

Por A. Rodrigo Magalhães

Atanilson Rodrigo Magalhães, nasceu em 28 de janeiro de 1985, na cidade de Ipatinga, estado de Minas Gerais. É formado em Bacharel em Engenharia Química, com Pós-graduação em Geotecnia Ambiental e Estrutural. No momento está cursando Pós-graduação em Bioquímica. Atualmente é funcionário público federal da ECT, no cargo de Agente de Correios – Carteiro. Desde novo, sempre teve interesse em literatura, tendo lido até hoje os mais variados títulos e autores. Sempre teve um fascínio pela sonoridade de sentimentos que a escrita é capaz de passar por meio de poemas e poesias.

Talvez antes fosse não ter te visto.
Não ter te conhecido.
Digo para o meu próprio bem.
Não estaria eu nessa situação.
Tua presença traz fervor ao meu ser.
Inquieta meu coração.

Deveras não sei o que pensar.
Por quanto tomado meu coração está.
Se ao meu ser se perde na razão,
Embriagado de encanto ao mero olhar,
O quão arrebatado em fúlgida beleza,
Quando a este ser posto a contemplar.

Ah! O que tenho a fazer meu Deus?!
Se ao meu ser refém desse sentimento está.
Sentimento ao qual nem posso explicar.
Digo sim, que seduzido está,
Do poder de fascínio do mistério desse olhar,
Tal qual a uma deusa admirar.

Digo que em meus pensamentos mais eróticos,
Envoltos dessa mais pura nudez.
Oh quão pele aveludada!
Quão maciez ecoa ao toque do olhar!
Há de se perder nessas curvas graciosas,
Ao se deleitar meu ser de intenso prazer.

A que te concerne tal poder?
Que nos encanta com a beleza ao olhar!
Nos faz perder na sedução desse olhar!
Que ao passo que excita nosso ser de fervor,

Nos faz navegar em águas plácidas!
Aqui estou diante de meu eu a questionar.

Tu que é dona de lábios tão ardentes,
De uma leveza no sorrir tão cativante...
Mesmo que me encontre no vão de meus pensamentos,
Perdido no labirinto de sentimentos,
Certamente agora digo:
Que bom ter te visto! Ter te conhecido!

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Filmes

Por André Anjos

André Anjos é formado em Psicologia, pós-graduado em Docência do Ensino Superior e graduando em Filosofia. Lecionou em cursos técnicos; foi publicado com algumas cartas do leitor no jornal Folha de São Paulo; assinou uma matéria na revista Roadie Crew; editou fanzine de rock com 10 edições; participou por cinco vezes, com contos literários, em livros das editoras Lura, PerSe e Patuá.

Na esquina, à esquerda, ladeira abaixo, há um barzinho simplório, daqueles típicos paulistanos. Ele entrou para tomar uma cerveja antes do filme começar, quis pedir uma coxinha da estufa, mas logo desistiu devido ao seu aspecto envelhecida.

Virou a latinha bem gelada no copo de boteco, fazendo pouca espuma, da forma como gostava. O filme era europeu e deveria ser paradão, recheado de bonitos cenários e com enredos humanistas que sempre o levava a refletir sobre estudar mais, viver na farra, mudar-se para o interior, casar-se, retomar as atividades físicas, escrever um livro.

Tomou mais um gole para esquecer e lembrar de tudo isso, mas maneirou, senão o filme iria pro brejo.

Eis que, mais à frente, sentou-se uma mulher com seus trinta e poucos anos e feições de paraguaia, sabe-se lá. Ela era linda e estava com um homem louro de barba média. Formavam um casal? Provavelmente, sim, mesmo sem qualquer contato físico entre eles. Entretanto, o seu olhar cruzou com o dela e ele bebeu um gole mais profundo, disfarçando o seu interesse.

Teve fantasias com ela, imaginando um bebê do casal em seu carrinho de rodinhas naquela rua, esperando o sinal abrir para atravessarem. Havia uma exposição de quadros ali perto e eles iriam até lá, já que os pequeninos tinham que ser acostumados a esse tipo de rolê desde cedo. Pensou num quadro pontilhista com essa família ilustrada e o menininho apontando e reconhecendo-os nesta cena na tela de pano.

Maneou a cabeça para espantar o pensamento que o havia tomado tal qual as danações do Sertão Veredas, e percebeu também que o barbudinho poderia desconfiar daquele clima platônico, pois a morena, de vez em quando, o fintava com cara de desejo.

Pediu a conta e o atendente trouxe a maquininha até a sua mesa.

Atravessou a rua sem olhar para trás, logo empurrou a porta de vidro do cinema para entrar no saguão frio devido ao ar-condicionado, comprou o bilhete, um sacão de pipoca e outra breja, só que agora long neck.

Sentado em frente da telona, desligou o celular e a paraguaia da cabeça. Outro filme iria começar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Amor Latente

Por Juliana Fagundes de Carvalho

Natural do Rio Grande do Sul, possui graduação em Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL e Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestranda em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Poetisa apaixonada pelas palavras e pelo poder delas na expressão de emoções. Escreve sobre amor, vida cotidiana e empoderamento feminino.

A distância entre as mãos maltrata a alma do apaixonado
E as lágrimas caem fora de compasso ao longo do rosto.
Os tremores denunciam o grande maltrato
E a saudade traz o sabor amargo do desgosto.

Há quem ame através do tempo
E não supere a falta daquela metade.
Há quem respire apenas o lamento,
Mas ainda carrega esperança sem vaidade.

Volte! Abrace-me mais uma vez,
Nem que seja a minha única oportunidade de te sentir novamente.
Eu te dedico os meus últimos suspiros sem sensatez,
E te amo sabendo que tudo isso é latente, que por fim, só a mim pertence.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Mona'lisa me

Por Luana Couto

Luana Couto inclinou se à literatura desde os 10 anos. Nasceu em Belém do Pará - Brasil, Médica Veterinária, com Graduação na UFRA, Analista em Saúde pública e servidora pública efetiva. Por influência de seu pai avô, Lucinerges Couto, também escritor, desde pequena frequentava a Academia Paraense de Letras (APL), noites de autógrafos, aprecia obras de artes e a leitura já era um hábito.
Em revistas eletrônica e impressa, bem como, em três antologias brasileiras, estão alguns de suas poemas, já enfeixou os que pretende mandar editar, além de dispor de um livro de poesias, através do qual narra histórias e poemas de amor durante a Pandemia de COVID-19 e um romance inédito, intitulado "Os seios Verdes". A paixão pela música, têm papel fundamental de equilíbrio e harmonia para a autora, em especial as batidas eletrônicas, e faz referência em seu livro ao Dj Skazi Asher de Israel, pois é fã de suas músicas Psy há mais de 15 anos e dos sucessos inesquecíveis que marcaram sua vida e que também lhe servem de fonte de Inspiração para compor.

Não sei inventar o que eles gostam de ouvir
Vou pintar um arco-íris no umbigo da Lua
Sem linhas ou bordas, decifra o tempo de florir
A alma consciente despertará nua e crua

Perceba as distorções, sorria se quiser gritar
Sem vacilar, vai fluindo num voo lindo
Cante e dance quando quiser chorar

Sem condenar Mona alisa me, indecisa analisa
Uma brisa à sombra me paralisa no mesmo lugar
Seu olhar de fumaça me lisonjeia, eterniza

Na melodia do seu vai e vêm, fui refém
Magnetismo difícil de escapar
Me convém essa noite usar nada além
Que um par de brincos de cristal e um colar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Jaci (Luna) - deusa da Lua

Por Luana Couto

Luana Couto inclinou se à literatura desde os 10 anos. Nasceu em Belém do Pará - Brasil, Médica Veterinária, com Graduação na UFRA, Analista em Saúde pública e servidora pública efetiva. Por influência de seu pai avô, Lucinerges Couto, também escritor, desde pequena frequentava a Academia Paraense de Letras (APL), noites de autógrafos, aprecia obras de artes e a leitura já era um hábito.
Em revistas eletrônica e impressa, bem como, em três antologias brasileiras, estão alguns de suas poemas, já enfeixou os que pretende mandar editar, além de dispor de um livro de poesias, através do qual narra histórias e poemas de amor durante a Pandemia de COVID-19 e um romance inédito, intitulado "Os seios Verdes". A paixão pela música, têm papel fundamental de equilíbrio e harmonia para a autora, em especial as batidas eletrônicas, e faz referência em seu livro ao Dj Skazi Asher de Israel, pois é fã de suas músicas Psy há mais de 15 anos e dos sucessos inesquecíveis que marcaram sua vida e que também lhe servem de fonte de Inspiração para compor.

Antes de iniciar sua jornada, banha-se no mar
A guardiã da noite beija o sol ao entardecer
Jaci atrai a terra pra si. Deusa do luar
Luz que ilumina a escuridão com seu poder

É espelho da luz solar, amor confessado
Nada é mais atraente do que ela no céu
Coração aprisionado, fatalmente obcecado

Estrela e satélite em sincronia, eclipse anunciado
Surge em sua carruagem puxada por 2 cavalos
Rege os oceanos, fronteiras do inexplorado

Sol abaixo do horizonte, amanhã irei voltar
Luz suave hora azul, ela disse adeus e partiu
Espaçonaves tripuladas planejadas para voar
Libélula em evolução à Titã, foi por amor que ela fugiu.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Distância

Por Lucilla Simonsen Paes de Almeida

Lucilla Simonsen Paes de Almeida, nascida em 1960 é paulistana, formou-se em Letras - Língua e Literatura Inglesa e tradução na PUC-SP. Sempre lidou com as palavras escrevendo seus textos e poemas desde adolescente. Em 2021 publicou seu primeiro livro de poemas, textos selecionados e fotografias chamado "Rasgadas". Atualmente tem escrito crônicas e contos e já foi publicada em alguns livros e revistas por seu trabalho ter sido classificado em vários concursos nacionais.

Sangrei o teu vazio
No medo de ser esquecida
Queria tanto te querer menos
Fui sugada pela incerteza
No mistério dos teus passos

Tudo se dissolve na saudade
E meu amor se nutre
Nos sonhos da distância

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Nós

Por Lucilla Simonsen Paes de Almeida

Lucilla Simonsen Paes de Almeida, nascida em 1960 é paulistana, formou-se em Letras - Língua e Literatura Inglesa e tradução na PUC-SP. Sempre lidou com as palavras escrevendo seus textos e poemas desde adolescente. Em 2021 publicou seu primeiro livro de poemas, textos selecionados e fotografias chamado "Rasgadas". Atualmente tem escrito crônicas e contos e já foi publicada em alguns livros e revistas por seu trabalho ter sido classificado em vários concursos nacionais.

Foste na ilusão como devia ter me feito.
Fez-me, então, à sua criação.

Em direções opostas,
preso a ti, sou tu em mim,
e sou feito porque tu já és.

Serei em mim até que me tornes outra chance.
Quando juntos seremos hoje
e na certeza seremos sempre.

Amaremos enlouquecendo no abandono sem destino.
Amaremos na solidão das águas que nos separam.
Amaremos, como nunca jamais se amou.
Sem desculpas.
Nos olharemos na escuridão.
Com paciência.
Não teremos mais medo.
Seremos tanto que venceremos o próprio sentir.
Tu e eu.
Nós.
Já somos.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Vestígios

Por Lucilla Simonsen Paes de Almeida

Lucilla Simonsen Paes de Almeida, nascida em 1960 é paulistana, formou-se em Letras - Língua e Literatura Inglesa e tradução na PUC-SP. Sempre lidou com as palavras escrevendo seus textos e poemas desde adolescente. Em 2021 publicou seu primeiro livro de poemas, textos selecionados e fotografias chamado "Rasgadas". Atualmente tem escrito crônicas e contos e já foi publicada em alguns livros e revistas por seu trabalho ter sido classificado em vários concursos nacionais.

Inconsciente
De repente
Sem premeditação
Sem preocupação.

É você novamente
No meu pensamento
No meu sentimento
No meu viver.

Tento, então,
Te por além
Bloquear a dor
Banir teu amor.

Mas tudo em vão
Você insiste,persiste
E não desiste.

Quer penetrar, quer estar
E se instalar
Se infiltrar
E envenenar, me esmagar, me triturar
Me amputar, me massacrar
Quer controlar o meu sentir.

Como um vício insaciável
Invadindo e adentrando
Sem qualquer permissão
Você está em meu ser.

E se faz fluir
E me faz sentir
E me faz permitir.

Vestígios de você...

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Partida

Por Lucilla Simonsen Paes de Almeida

Lucilla Simonsen Paes de Almeida, nascida em 1960 é paulistana, formou-se em Letras - Língua e Literatura Inglesa e tradução na PUC-SP. Sempre lidou com as palavras escrevendo seus textos e poemas desde adolescente. Em 2021 publicou seu primeiro livro de poemas, textos selecionados e fotografias chamado "Rasgadas". Atualmente tem escrito crônicas e contos e já foi publicada em alguns livros e revistas por seu trabalho ter sido classificado em vários concursos nacionais.

Levo hoje você comigo
O que quer que eu faça
É você quem faz
O que quer que eu pense
É você por trás.

Levo você comigo
Aonde quer que eu vá
Lá está você
Não importa o quê.

No meu sangue, no meu ar
Nos meus passos
Nos meus atos
Em qualquer lugar,
Eternamente, para sempre
Você vai estar.

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Maratona, em grego: Μαραθώνας (ou Zenão, Aquiles e a Tartaruga)

Por Luiz Fernando de Oliveira

Luiz Fernando de Oliveira é natural de Lavras, Minas Gerais, onde também reside. Professor da Rede Federal de Ensino, atua nas áreas da Filosofia, Sociologia e Educação, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, campus Nepomuceno, e na Universidade Federal de Lavras. Autor de trabalhos acadêmicos e literários, tem três livros publicados, além de uma série de artigos, contos, crônicas e poemas publicados em vários periódicos.

No pior momento desta vida, *atualmente*, resolvo narrar um dos tantos episódios marcantes em minha premiada carreira de ex-maratonista. Por definição, o maratonista é um obcecado por encurtar distâncias: enquanto corre até a linha de chegada, ele procura se aproximar das alegrias que se lhe escapam. Eu corri, e muito.

Cometi erros, nada pequenos nem poucos; nisso sou persistente, sigo errando, ainda quando busco trocas com Deus. “Pai, se o Senhor me fizer ou me der isso e isso e isso, prometo nunca mais falhar”. No entanto, as juras carregam em si a iminência do descumprimento. Recorro em erro, desculpo-me em minhas fraquezas, consolo-me hipocritamente... Eu erro, recorro, corro. Enfim, vamos aos fatos. *Ao* fato.

Algo em torno de 42 quilômetros me separava do fim. Meu corpo estava pronto, era perfeito. Minha mente o coordenava estrategicamente, poupando as energias e o oxigênio para os momentos de explosão. Foi dada a largada. Um turbilhão de pernas em vastas passadas ampliavam, com o impacto no chão, o clamor das vozes das calçadas.

A vida é asfáltica feito aquele chão, embora ela também seja lama, grama, água.

Nos primeiros passos, vi que uma mulher caminhava na calçada, aparentemente com dificuldade. Ela arrastava uma de suas pernas em um manquejar vacilante. Seu caminhar era lento como o são os momentos de dor, então a deixei para trás, na contínua busca da perfeição que me esperava após a faixa que meu ventre derrubaria.

Bom é lembrar que o preparo de nossos corpos, fortes e velozes, nunca é suficiente para o tamanho de nossas culpas. Corri e – ¡estranho! – ela, a mulher manquejante, continuava a meu lado, na calçada, com seu caminhar lento e triste, mas sempre ali, ao meu lado, eu que pensava já haver me distanciado tanto dela. ¿Alguém a colocara num carro e a deixara novamente próxima ao pelotão de elite? Mas não existia via paralela. Havia um caminho único, povoado de buscadores e espectadores de alegria.

“Ela finge coxear”, concluí, “deve ser bem preparada, corre como ninguém, mesmo na calçada, ainda que se debatendo nas gentes e tropeçando nos quase-cadáveres cheios de fome depositados nas esquinas, mergulhados em esquecimento. Sim, ela corre mais que todos”. ¿Explicação encontrada? Não poderia ser, pois, no segundo olhar, percebi como a idade já havia sulcado as peles do seu rosto e dos seus braços. “Devo tê-la confundido com outra pessoa. Não é a mesma mulher que se debatia contra a vida lá atrás”, tornei a concluir. Mas era sim, a mesma, sempre.

Deixá-la para trás era uma ilusão. Ela era presença. Permanência.

Propus-me esquecê-la, concentrando-me somente em minhas passadas, cada vez mais largas, velozes, doloridas, que seriam recompensadas ao fim por um contentamento estável, um enlevo que supriria minhas angústias e qualquer desconforto. Cruel momento o da alegria, flor que nos entrega sua beleza frágil antes de nos castigar com a sequidão da morte – por essa mesma razão as flores ficam tão bem nos velórios.

Não pude esquecê-la, pois ela passou a assoviar bem alto e forte. ¿Passei a me questionar: para além da velocidade, de onde vinha o ar que tangia seus lábios produzindo tais sons? Impossível existir um par de pulmões, sobretudo em um corpo idoso, com tal capacidade. Eu a olhei, e ela estava novamente ao meu lado, na verdade, até um pouco mais a frente, e isso me obrigou a apertar minhas passadas e deixá-la para trás. Eu sentia orgulho em vencê-la momentaneamente.

Sensação incômoda a de ver uma pessoa tão lenta, que parece sempre ficar nos retrovisores da nossa imaginação, mas que ao mesmo tempo nos surpreende, sempre se apresentando ao nosso lado, como se corresse de maneira furiosa. Ela era renovação.

Os quilômetros ficavam para trás, enquanto outros se mostravam adiante – eles também são permanência –, aviões emprestavam seus ruídos de turbinas à grita eufórica.

Pausa.

Uma reflexão.

Não se pode olhar para o céu, eu não podia olhar para cima, sob pena de tropeçar. Supus serem de turbinas de aviões aqueles ruídos, mas bem poderiam ser os dos ventos amplificados em tempestades que se anunciavam. Os gritos, na verdade, eram outros: as gentes nos acompanhavam imóveis. Renovação feita permanência.

Finda a reflexão.

De volta à Presença – sim, este nome lhe cairia como uma luva. Ela estava de novo ali, na calçada de cimento grosso, no momento em que meus pés, irremediavelmente mais sensíveis, sofriam os traumas da irregularidade do asfalto. As pedras que compunham aquela massa empretecida, por vezes, revelavam pontas que os carros não conseguiam aparar, espinhos que aguilhoavam meus calcanhares, quase me levando ao grito de dor.

A calçada em que Presença mancava era menos irregular, todavia, menos aderente, mais escorregadia. Fosse adesiva, ela ficaria para sempre ali, em um ponto, grudada, como os insetos nas fitas amarronzadas dos botecos fedidos onde eu buscava, todas as noites, meu embriagado pai. Eu sentia prazer em ver as moscas coladas às fitas, zunindo

seu desespero, debatendo-se contra o inelutável. Aquelas mortes me fascinavam quando criança. Eu pensava não haver dor em morrer.

Concluído mais da metade do trajeto, um urubu, aproveitando-se da ausência de carros que o fechamento das vias proporcionou, pousou bem à frente do pelotão de elite. Pouso suave, elegante, circular. A imagem era a de um rio cortado por uma grande pedra, capaz de bifurcar as águas. Notei que ele lançou seu olhar para Presença (definitivamente, assim passei e passo a chamá-la) como quem contempla um prato potencial. "¿Qual seria o sabor daquelas carnes se putrefazendo em vida?", talvez pensasse a ave, pudesse ela pensar, como os que nos achamos racionais. Os olhares se cruzaram, em um segundo, Presença, o urubu e um flerte esquivo e eterno. ¿Do mesmo modo, estaria ela pensando em habitar aquele estômago? Seria uma bela forma de voo *post mortem*, numa aeronave de luxo para os pobres. Ela se decomporia em meio a sucos gástricos corrosivos, alimentaria um ser vivo, seria desfeita em nutrientes e fezes, que, por sua vez, adubariam a terra. ¿Quem sabe ela renascesse em uma roseira?

Pés se arrastando.

O urubu continuava parado, buscando o que comer naquele chão quente.

Um cachorro, magro como a própria miséria, tentou, em vão, alimentar-se dele.

Cães não voam ¿Óbvio? Os pobres não saem do chão, apenas mergulham nele a cada dia.

Faltando cerca de 10 quilômetros, esquecido da minha exaustão, percebi que, finalmente, Presença não estava ali. Eu a havia deixado para trás, ela sucumbira ao cansaço. Não havia pernas mancas que aguentassem tudo aquilo. Senti-me livre.

Restavam 9 quilômetros. A dor tomou todo o meu corpo. Vislumbrei a alegria adiante.

8 quilômetros: foram poucos os instantes em que outro atleta conseguiu manter-se em primeiro lugar, já que a prova era minha, ninguém mudaria isso. Nem Presença.

7 quilômetros: o ar, requentado pelas minhas vias respiratórias em chamas, saía de minhas narinas como o sopro sobre Adão.

Somos barro.

6 quilômetros: "... devo guardar a energia que não tenho para a explosão final".

5 quilômetros: uma subida intensificou a agonia.

Não há melhor metáfora para o viver que o caminho do calvário.

4 quilômetros: *Via Crucis*, *Memento Mori*...

3 quilômetros: iniciou-se meu celebrar.

2 quilômetros: a distância entre o que fui, sou e serei começou a se desmanchar em esperança de proximidade e encontro.

1 quilômetro: pronto.

Eram somente algumas centenas de metros entre mim e a faixa. Meu suor deixara uma trilha encantada ao longo das ruas, irrigando esquinas, como se quisesse aplainar veredas, desfazer montes, fazer retas as curvas. Salguei o chão da cidade com o sal do meu organismo. Nenhuma tristeza me faria chorar naquele momento, já que as minhas lágrimas escorreram por meus poros exaustos. Meus olhos eram um deserto-de-sal.

Comecei a ver a reta de chegada: ninguém me ultrapassara, todos distantes, bem atrás de mim. No instante em que, já na reta final, vislumbrei a faixa, esticada por duas beldades femininas, começou a se delinear também para meus olhos o pódio, cujo lugar mais alto era meu – eu me preparara para aquilo. Vi pessoas sorrindo, nenhuma conhecida. As vitórias, no fundo, são tão solitárias quanto as derrotas. Porém, naqueles novos desenhos, nos contornos diversos, consegui divisar uma figura que era familiar – ¡mas não era possível! –, sim, era Presença, arrastando-se até bem perto do pódio, já com uma enorme taça dourada em sua mão, a custo sustentada. As forças a haviam quase abandonado de vez, também, depois de 42 quilômetros percorridos, dada a limitação da idade avançada e do peso da sua perna manca, o seu restante de energia deveria se chamar “milagre”. Faltavam-me 10 metros, poucas pisadas, quando as beldades abandonaram a faixa sobre o chão, andaram ágeis até Presença e a ampararam para que ela tomasse o lugar de número um. Ali ela subiu, foi sustentada pelas moças e me apontou, com um leve girar de cabeça, o terceiro lugar no pódio. O urubu me cortara num voo rasteiro e retilíneo, a apoleirara-se no degrau de número dois.

Presença foi a campeã.

O urubu ficou em segundo lugar.

Eu pisei sobre a faixa estendida no chão e caminhei, carregando ofegante a minha decepção, rumo ao degrau mais baixo entre os três. Estando a um passo, a anciã olhou no mais fundo dos meus olhos e, com a rouquidão dos desvalidos e o hálito dos maltratados, disse-me:

– Filho, meu nome não é Presença. Pode me chamar de Perda.

Ergueu, por fim, seu braço flácido, esticou o dedo e me indicou a linha de partida, que eu não poderia cruzar antes de ser dada a largada.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Clarice e Manuel

Por Marith68

Nascida em agosto de 1968, no interior do Espírito Santo, num lugar chamado Cachoeira Alta, pertencente ao distrito de Conduru e este, ao município de Cachoeiro de Itapemirim. Na época e na região, só havia o antigo "primário", cursado, até a terceira série, na escola local, chamada Escola Singular de Destino. Na quarta série, a família, no intento de dar estudos aos filhos, mudou-se para Cachoeiro, cidade em que o ciclo da educação básica se completou. O resto veio com a vida.

— Você também veio para aqui...

— Sim, caí como letra viva na página em branco — e abri a porta.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

À mesma mesa

Por Natália Vitória Garcia Mendes

Nascida em Botucatu, interior de São Paulo, em 2000, estudante de Engenharia Química na Universidade de São Paulo (USP), Natália Mendes estreou na literatura com o livro de poesia "As estações que trouxeram trincheiras". Começou a escrever em meio à pandemia. Desde então, continua trabalhando em suas composições literárias.

Sentando à mesma mesa
por sessenta anos, contemplando a beleza
da família reunida, de longe.
Seus métodos cotidianos te impediam
de assentar-se à grande e reunida mesa…
E roubaram os momentos de alegria…
Mas alguém não vê.

A grande mesa,
como toda a frieza incontrolável do tempo,
se desfaz, vagando assento por assento.
E, então, a família se vai,
enquanto o tempo se esvai…
As reuniões não existem mais…

Mas alguém ainda se senta à mesma mesa…
Solitária, vazia, debruçando-se sobre o frio do mármore.

...Aquele metódico jeito de viver o escraviza,
o faz esquecer que nem toda a despedida, antes, avisa.
A mesa vazia se ocupa de apenas uma pessoa sentada à ela…
Mas ela parece cada vez mais fria…
A mesa em que se alimenta não o satisfaz,
o perece.... E, por fim, o adormece…

Enquanto as memórias da outra mesa preenchem quem a preencheu…
Mas não quem, à ela, não se assentou…

A vida seguiu,
todos seguiram…
A outros ares.
Mas alguém não conseguiu,
porque, de fato, lá pareceu
nunca ter vivido...
Ou existido.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Assobio

Por Natália Vitória Garcia Mendes

Nascida em Botucatu, interior de São Paulo, em 2000, estudante de Engenharia Química na Universidade de São Paulo (USP), Natália Mendes estreou na literatura com o livro de poesia "As estações que trouxeram trincheiras". Começou a escrever em meio à pandemia. Desde então, continua trabalhando em suas composições literárias.

Ele costumava assobiar
como um pássaro que invadia
e mudava o compasso
de cada batida do meu coração…

Ele costumava assobiar sem medo,
até que meu peito
fosse leito do seu canto….

Aquele pássaro cantava
ao meu ouvido
toda madrugada, antes mesmo que
a manhã chegasse…

Ele era o canto
do meu encantamento
todo sábado após a
lareira da tarde
e era, também, a própria lareira…

Ele costumava cantar
como os querubins
e serafins:

Era doce,
era canto,
era encanto,
era tanto!

A tarde de hoje é silenciosa sem
aquele que costumava assobiar,
rumo ao meu contentamento!

Aquele canto,
Hoje, é pranto
sem manto;
é saudade
sem remédio;
é pesar sem
intermédio;

É silêncio
inquietante.

Pois ele costumava assobiar
como um pássaro.
Virou pássaro
e voou ao norte do meu sul.
E eu fiquei a oeste.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Brasa

Por Natália Vitória Garcia Mendes

Nascida em Botucatu, interior de São Paulo, em 2000, estudante de Engenharia Química na Universidade de São Paulo (USP), Natália Mendes estreou na literatura com o livro de poesia "As estações que trouxeram trincheiras". Começou a escrever em meio à pandemia. Desde então, continua trabalhando em suas composições literárias.

O caminho de casa eu conheço,
mesmo partindo deste que não conheço.

O berço, sei onde mora,
mesmo deste que, há anos, mereço.

O caminho que tenho a seguir
tem pedaços de retratos
que moram na minha casa…
casa que, hoje, dista.

Longe de casa,
ainda com as memórias de casa,
sou corpo com asa,
asa sem casa,
brasa com saudade de casa.

Em casa eu era fogo,
hoje sou apenas brasa.

Meu corpo se acende
toda vez que toca um ente…
Entre idas e vindas,
espaços abertos e fechados,
e abetos novamente,
meu corpo em chamas
se torna faísca.
E faísca que se torna
tem ânsia de encontrar
o sustento da própria chama…

Com ânsia de tocar
o lar…

Lar que é ente
permanente...

Lar que é o abraço dos entes
que moram em casa.

Faísca me torno pela saudade
da casa que me fez fogo.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Saudade

Por Pâmela Ramos

Pâmela Ramos é poeta natural de São José do Rio Preto-Sp há dez anos, viajou com poesia e artesanatos por mais de cem cidades e atualmente mora na cidade de Mirassol- Sp mãe e estudante de artes visuais já participou de diversos saraus, hoje ela é uma das criadoras do Sarau INverso no interior de São Paulo.

Dói conviver com você

Estou tentado me enganar

Mas, eu durmo saudade

Sonho saudade

Acordo com você

Saudade

Desenho saudade

Almoço saudade

Bebo você

Saudade

Se te matar for um crime

Certamente pegarei prisão perpetua

Te matar

Eu preciso

Pra eu não morrer com você

saudade...

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Velhos Casarões

Por Raimundo César de Oliveira Mattos

Professor e historiador, membro da Academia Valenciana de Letras, possui obras publicadas nas áreas de História e Literatura (poemas, contos e outros em edições próprias ou coletâneas). Também foi premiado em concursos de poesias na região onde vive e no país.

Minha terra foi um dia semeada,
De casarões, velhos solares luxuosos.
Mas o tempo, que a tudo corrói e transforma,
Levou muitos. Deixou alguns nada pomposos.

Mas que digo? Ao tempo ponho a culpa
Do desgaste pelo homem provocado,
Que as matas derrubou, fez as mansões.
E estas, deixou cair, desastre provocado.

Alguns poucos restaram na memória.
Outros, de insistente resistência,
De pé se mantêm; sombras antigas,
Em passado, esplendor e imponência.

Quantas memórias por suas salas ainda vagueiam.
Lembranças de um passado adormecido
Que, a cada instante, parece despertar
Para um sarau, num rodopio enfraquecido.

Ouço passos, ouço vozes, música antiga,
No desfile extravagante dos vestidos.
Velhos casarões; vidas que foram, vidas que ficam,
Descortinando um passado, tempos vividos.

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Um coração solitário no coração da cidade

Por Raimundo César de Oliveira Mattos

Professor e historiador, membro da Academia Valenciana de Letras, possui obras publicadas nas áreas de História e Literatura (poemas, contos e outros em edições próprias ou coletâneas). Também foi premiado em concursos de poesias na região onde vive e no país.

Ele vivia naquela velha casa há mais de 60 anos. Desde que nasceu, nunca havia conhecido outra residência.

Filho único, viveu com os pais até a morte deles. Depois que casou, não teve motivo para procurar outra moradia. Perdeu a esposa cedo ainda, o filho (também único) cresceu, casou e transferiu-se com a família para outro bairro. Ele permaneceu na casa, em pleno coração de uma cidade grande, apesar dela ter se tornado demasiado grande, como a cidade, para um coração solitário como aquele. Era assim, aliás, que ele passou a assinar os textos que continuou enviando para o jornal onde havia trabalhado por quase cinquenta anos até que se aposentou. Só não abriu mão de enviar os seus artigos semanais porque não queria se tornar uma pessoa inútil. Se antes ele assinava os textos, agora preferia chamar-se de "um coração solitário no coração da cidade". Não era sozinho (palavra da qual preferia fugir), mas solitário, pois considerava que essa palavra tinha uma conotação diferente e mais positiva. Tornou-se um solitário por opção, desde que perdera a esposa e o filho se mudara; já que não quis se casar novamente, apesar de algumas "pretendentes". Tudo parecia ter ficado distante, no tempo e no espaço.

Se tinha saudades de alguma coisa? Claramente que sim. E quem não tem? Aliás, saudades era algo que ele gostava de cultivar. Não aquela saudade depressiva que trazia certa mágoa por algo que já tinha passado. Mas sim, uma saudade dos tempos bons que tinha vivido e que fazia questão de manter presente de alguma forma. A velha casa era um verdadeiro museu, como dizia o filho quando ia visitá-lo. Nela, tantas recordações, objetos, fotografias e tudo o mais que ajudassetornar presente o passado; se é que isso é possível. Ele era um colecionador.

Tudo ali era mantido rigorosa e impecavelmente limpo e organizado. Ele sabia exatamente onde se encontrava cada peça, cada fotografia, cada recorte de jornal guardado em um velho álbum. Todos os seus textos também eram mantidos em um arquivo metálico, daqueles de escritório, que havia comprado para este fim. No início, ele organizara os textos datilografados na também velha máquina de escrever que, volta e meia, ainda gostava de usar para não perder o hábito. Somente a muito custo havia aceitado utilizar um computador, já que o jornal para onde ainda enviava os seus artigos só aceitou mantê-lo como colaborador assim. E quem ainda usa máquina de escrever hoje em dia, havia lhe perguntado o editor. Então, aprendeu o básico para digitar e enviar os

seus textos .Já os jornais impressos, também guardava e chegou mesmo a pensar que talvez fosse necessário alugar algum imóvel para guardar todo o material que havia preservado por toda a sua vida. Só não o fez porque o jornal deixou de ter edições impressas, para seu desagrado que, agora, precisara aprender a criar um arquivo de computador para as novas publicações on-line. Apesar de preferir manter tudo como antes, ele se adaptara à nova realidade tecnológica.

Como ele conseguia manter tanta coisa assim, nos seus lugares, de uma forma tal que poderia encontrar qualquer peça ainda que no escuro? Quando a mulher e o filho ainda estavam presentes, eles o ajudavam, mas quando cada um deles partiu, ele ficou sozinho, ou melhor, solitário, na tarefa de manter tudo nos eixos. Entretanto, o tempo acabou cobrando o seu preço, e ele precisou recorrer à ajuda de uma diarista. Três vezes por semana, elafazia uma limpeza geral na casa sob sua supervisão direta, já que cada coisa precisava estar exatamente no lugar em que se encontrava. A pobre moça, às vezes, quando ele se distraía contando alguma história a respeito de um vaso ou quadro que tinha trazido de uma de suas viagens, recolocava a peça alguns milímetros fora do lugar estabelecido e ele, voltando a si daquela viagem mental, interrompia o trabalho para reclamar. Ela acabou se acostumando com essas esquisitices, como dizia, e já se habituara com a ordem das coisas. Também acabou gostando das histórias que ele contava de suas viagens, já que ela nem sonhava mais se afastar de onde morava a não ser para trabalhar. O dinheiro não dava nem para ir visitar os pais que haviam ficado no interior enquanto ela se mudara para a cidade grande em busca de emprego. Sim. Ela também sentia saudades de um tempo que ficou para trás e que já não tinha mais esperanças de que voltasse. Porém, ele dizia que as pessoas não podem abandonar os seus sonhos, por mais difíceis que sejam, e aconselhava a moça a não abrir mão disso, já que ninguém pode viver sem sonhos. Ele também era um sonhador. Apesar do tempo que havia vivido e, já que não podia mais viajar como fizera com a esposa e o filho pequeno, havia descoberto algo que o fascinara na informática; a possibilidade de estar em vários locais do mundo sem sair de casa. Não era, obviamente, a mesma coisa, mas era o possível naquela etapa da sua vida. Isso, além das “viagens” de recordação que fazia quando manuseava os álbuns de fotografias dos lugares por onde havia passado.

Ele tinha vizinhos, amigos, conhecidos, pessoas com que se relacionava? Sim, ainda os tinha. E alguns deles não conseguiam entender como um coração solitário poderia ainda encontrar alegria para viver. Sozinho, com uma rotina tão rígida, uma

organização nas coisas que fazia tão meticulosamente, e ainda assim, feliz. Qual seria o segredo que ele dizia não existir? Segredo nenhum. Apenas procurar viver o presente sem esquecer os bons, e até mesmo os maus momentos vividos, sem remorsos, sem saudosismo. As saudades que guardava não eram doentias, mas necessárias para mantê-lo ainda ativo e saudável. Sentia falta da esposa? Procurava o velho álbum de casamento, as fotografias das viagens que fizera com ela e fechava os olhos. Queria lembrar-se do filho, que vivia longe e que havia anunciado a chegada do seu primeiro neto, procurava outros álbuns – dos aniversários, festas na escola, da formatura. E também fechava os olhos. Queria se lembrar das viagens que não poderia mais fazer? Olhava as recordações que havia trazido de cada uma delas, os cartões postais que tinha adquirido e aqueles que os amigos lhe enviaram quando também haviam viajado. E fechava os olhos. Queria lembrar-se dos velhos pais? Buscava peças do enxoval da mãe que fazia questão de preservar e fechava os olhos. Sentia falta dos tempos do jornal? Trazia os seus velhos recortes, corria a escrever alguma coisa que lhe vinha à cabeça e fechava os olhos. Enfim, fechava os olhos e sonhava. Sonhava com o que tinha vivido e realizado. Só se arrependia de não ter feito tudo o que gostaria. Mas também, apenas uma vida não é suficiente para se fazer tudo o que se quer. Sempre fechava os olhos e imaginava o que ainda mais poderia ter feito. Até que um dia...

O filho foi chamado pelos vizinhos porque a diarista havia chegado e encontrara o corpo sem vida daquele coração solitário que havia partido para sua viagem final. Muitos se entristeceram com o fato dele não ter podido estar cercado pelos amigos no momento final. O filho, assim que chegou, encontrou uma folha ainda presa à máquina de escrever com o que parecia ser mais um texto a ser enviado para o jornal. No entanto, quando começou a ler, viu que era uma espécie de despedida. O pai tendo se sentido mal alguns dias antes, havia procurado um médico, velho amigo de infância, o único em quem confiava. Certificado de que poderia estar sofrendo de algum mal próprio da idade e aconselhado a procurar um especialista mais jovem, compreendeu que seu tempo estava terminando. Assim, passou dois dias pensando em como gostaria de ser lembrado. Não quis preocupar o filho com o que ele entendeu ser irremediável e demorou a encontrar as palavras certas para aquela despedida. Afinal, chegou à conclusão de que a melhor maneira de ser lembrado era ensinar como havia vivido todos aqueles anos.

“Se a vida o decepciona, feche os olhos e siga em frente.

Se os amigos o abandonam ou partem antes de você, feche os olhos e siga em frente.

Se não consegue mais encontrar ânimo na caminhada, feche os olhos e siga em frente.

Apenas siga em frente, com os olhos fechados para os problemas, mas com a visão clara de que a vida vale a pena. Cultive as suas saudades sem tristeza, lembrando-se sempre de que tudo continua e você não pode ficar à margem do caminho. Ainda que sentindo-se solitário, não deixe a solidão dominar. Feche os olhos e lembre-se de todos os que um dia conviveram com você. Eles estarão à sua volta e esperando pelo seu retorno. Afinal, não foram eles que partiram, mas foi você quem ficou para terminar alguma coisa pelo caminho. Eles apenas não estão mais visíveis para nós. Mas sempre estarão por perto e, agora, sinto que vou ao encontro deles.

Os que ficam, saibam que ninguém parte totalmente. Estamos presentes pelas lembranças. Um dia vamos nos reencontrar".

Um texto pequeno que emocionou a todos. Apenas não sabiam o que fazer com todo o material que ele havia colecionado ao longo do tempo. Isso, até que o editor do jornal no qual ele havia trabalhado chegou com a proposta de transformar aquele lugar em uma espécie de museu. Não um depósito de coisas velhas; mas sim um museu vivo a pulsar no coração da cidade, como aquele coração solitário pulsou por toda a sua vida.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Distância

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Distância... espaço...
nem sempre o mesmo.
Mas tantas outras coisas!
Nem sempre separação física,
distanciamento de lugares.
Mas, inúmeras outras coisas...

Pode ser uma pletora de questões...
Como, o próximo, ignorar.
O outro, não saber ouvir.
Não querer responder...
e calar.
Não saber sorrir.

Não dialogar... é distância.
Não trocar experiências...
Não dividir o prazer do pão...
Não esclarecer dúvidas...
Não discutir divagações...

Distância...
é não partilhar alegrias,
felicidade ou tristeza.
É tomar diferentes rumos.
Não viver as mesmas brincadeiras.
Não compartilhar sonhos.

Distância é não ter entendimento.
Achar-se "dono da verdade".
Ser sempre o correto.
Distância é não ser amigos,
mas desconhecidos,
sob um mesmo teto.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Onde Tu Te Encontras?

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Pergunto-me se bem estás
entre a montanha e o mar.
Cheiros... sóis e chuvas...
luares... ventos e estações...
dos meus, diferentes.

O verde da montanha, ao longe...
O azul do mar perto dos pés.
Vagas pelos baixos relevos?
Espaço distante...
inatingível para mim.

Por onde tu andas realmente?
Sei o que dizes... não te presencio...
não te sinto em matéria...
Só na abstração virtual de ti...
como deve ser para ti, a minha.

Em díspares lugares
distanciados continuamos.
No girar do mundo
desencontrados nos achamos...
Tu, aí... eu, aqui.

Não vens e eu não vou...
Neste estranho mundo
dissonante até no amor
forçosamente "acostumamos".
Não futuramos o porvir.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Desta Janela

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Desta janela abre-se para mim o mundo.
Ora rápidas... ora devagar... às vezes
carregadas e chuvosas... outras
graciosamente leves e serenas...
as nuvens no seu compasso pelos céus.

Observo a teimarem sobre pouca água
e escasso alimento as brancas garças...
veículos nas suas jornadas
em seus fixos horários... pessoas
apressadas e pessoas tranquilas.

Vejo as estações a marcarem
e se dissiparem... num cíclico revolver...
e retornarem... como se nada mudara.
Mas o mundo à minha frente
sei que igual nunca volta.

E dos olhos da minha mente e coração,
pelas laterais dos sentidos...
pela pele das mãos... e cabelos
que em queda livre nem se despedem,
vejo o meu próprio mundo a despencar...
tudo a escapar... tudo a passar.

Pela janela da minha vida vejo
a escoarem de mim, o reflexo dos dias
e anos. A cada segundo um abandono...
sem um adeus que marque
a mobilidade que em si
sem reparo ou salvação, desvanece.
Mas uma porta abrir-se-á...
a da continuidade universal.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Separação e Reencontro

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Temas pesados por lemas à altura, puxam...
Nunca "desistir" é preciso...
Nunca "desesperar" é crucial!
Por um nicho certo e ensolarado,
procurar sempre... ou criar!
Os pesos d'alma, com persistência
e coragem... serão aliviados.

Um dia, despedida e separação
longínquo passado tornar-se-ão.
E sofrimento e esperas
a serem deslembrados.
E o confluir no costumeiro dia a dia
nunca mais tédio...
O bem-estar – se agora ausente -,
de alegria e felicidade pleno será.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Luto
Tão distante dos meus olhos... Tão perto do meu coração

Por Vera Ribeiro

Vera Lucia Ribeiro Macêdo, filha de Amado e Maria, nasceu no dia 19 de abril de 1958, na Fazenda Alagoinhas, distrito de Alto Bonito, município de Mundo Novo - Bahia. Foi alfabetizada por seu pai, aos cinco anos de idade, e logo demonstrou interesse pela literatura de cordel, pois ele levava os folhetos para casa e lia para os filhos. Aos dez anos, já escrevia poemas e cordéis sobre os fatos que aconteciam ao seu redor. Formou-se em Magistério e exerceu a docência por trinta e dois anos. Atualmente, aposentada, dedica parte do seu tempo à leitura e escrita de poemas e cordéis.

Viver o luto e a dor
É algo muito pessoal
Cada um age de um jeito
Não existe nada igual
Ninguém pode mensurar
Nem sequer imaginar
A dor da perda é tão grande
Que não dá pra suportar

Perder um filho querido
Deixa o coração partido
Tristeza e desilusão
Vazio, dor e emoção
Mas tem que seguir em frente
Com fé, força e aceitação
Conviver com a ausência
Com muita resignação

Por trás da dor e emoção
Existe uma grande lição
Para curar o coração
O segredo é aceitação
E esperar que o tempo
Traga a compreensão
Para que não se transforme
Em uma terrível depressão

Deus sempre sabe o que tira
E ELE sabe o que faz
Nos Seus planos, nada é em vão
Tudo tem uma explicação
Aquilo que não é bênção

Nos ensina uma lição
De conviver com a ausência
Com saudade e emoção

As pessoas falam: Não chore!
Procure se acalmar
O tempo cura tudo
A vida vai continuar
Mas, é preciso chorar
É preciso se isolar
O choro é um desabafo
Para a alma aliviar

A saudade aperta o peito
Causando tristeza e dor
Esmagando o coração
Da mãe que aqui ficou
Mas com muita oração
Ao bom Deus, Nosso Senhor
Sentirá sempre a presença
Através das lembranças e do amor

Conviver com esse vazio
É difícil de aceitar
Pois o elo de ligação
De quem aqui não mais está
Mas todo amor que ficou
Nunca vai nos separar
Pois saudade é o amor que fica
De quem não pôde ficar

Ame a família, ame os seus
Pois não temos garantia

Se virá o outro dia
Preserve os bons momentos
Com paz, amor e alegria
Celebre a felicidade
Porque nós somos mortais
Com prazo de validade.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

À Ela

Por Zane Santos

Bibliotecária de formação e atuação, pela Universidade Federal de Rondônia. Amante de gatos e livros de poesia. Amadora na escrita, sobretudo, na transposição do "sentir" de seu relacionamento, de 5 anos, em palavras, no intuito de deixar registrado o amor e a saudade por estarem, temporariamente, em cidades diferentes. Rascunha poesias e devaneia sobre o cotidiano.

A distância presente reforça, estranhamente, o elo nosso
Dos beijos que ultrapassaram a fronteira da carne
Sem conter os sentidos no agridoce suave da pele macia
O aninhar-se ao colo
No corpo-refúgio, na morada-esconderijo
Hoje, na explosão dos sentimentos, só me vem...
O sorriso que veste meu pensamento
A fala que adentra minh'alma
A boca desejada que me toma pra si
A certeza de que dela,
Mais que beijos cor-de-vinho, quero tecer trajetórias de dias virgens
Expor a nudez das variáveis do eu
Compreender a essência apresentada
Arriscar o tato mais fino e delicado
Na ânsia de desvendar os pontos de desejos teus
Penetrar o olhar para que enxergue além do tangível-matéria

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Nós

Por Zane Santos

Bibliotecária de formação e atuação, pela Universidade Federal de Rondônia. Amante de gatos e livros de poesia. Amadora na escrita, sobretudo, na transposição do "sentir" de seu relacionamento, de 5 anos, em palavras, no intuito de deixar registrado o amor e a saudade por estarem, temporariamente, em cidades diferentes. Rascunha poesias e devaneia sobre o cotidiano.

Eu de cá
Confirmo, reafirmo e redizo
esse enlace nosso
Tu daí
Acalenta, apazigua e impulsiona
para que não percamos de vista o futuro que vem logo já
Somos seres iguais e diferentes...
Numa dança dialética e bonita
A pluralidade é o nosso singular
Tudo parte do múltiplo que se fundi
Porque só nós sabemos...
Do encontro inesperado
Da embriaguez de felicidade
Do rompimento de barreiras invisíveis
Do afago junto ao colo exposto
Dos olhares cúmplices...
Juntas matamos os inimigos de dentro de nós
e saciamos a sede na vivência nossa de cada dia

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**